

EM LUTA

Secção Portuguesa da Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional

www.emluta.net

NA AUTOEUROPA E NO PAÍS: A GERINGONÇA GOVERNOU PARA OS PATRÕES E AS MULTINACIONAIS



FIM DA LABORAÇÃO CONTÍNUA, EM SETORES QUE NÃO SEJAM SOCIALMENTE ESSENCIAIS!

BASTA DE DESREGULAMENTAÇÃO DOS HORÁRIOS DE TRABALHO E DA GENERALIZAÇÃO DOS TURNOS!

FIM DAS EMPRESAS DE TRABALHO TEMPORÁRIO!

EFETIVAÇÃO DE TODOS OS TRABALHADORES AO FIM DE UM ANO DE TRABALHO!

BASTA DE REPRESSÃO! FIM DOS ATAQUES AO DIREITO À GREVE E DA LEI DA REQUISIÇÃO CIVIL!

Nestas eleições, mais do que pedir e falar de votos é preciso fazer o balanço de 4 anos de Geringonça (PS-PCP-BE). O governo da direita tinha imposto um enorme retrocesso no país. Por isso, PSD e CDS não têm autoridade para criticar o actual governo. Mas cabe a nós trabalhadores retirar lições desta Geringonça.

LUCROS PARA OS PATRÕES, AUSTRERIDADE PARA OS TRABALHADORES

A conciliação entre patrões e trabalhadores, chefiada pelo PS, só serviu os primeiros. A precariedade não acabou e aprofunda-se. Os salários continuam muito baixos frente ao enorme aumento do custo de vida. Os ritmos de trabalho estão mais acelerados, os horários de trabalho mais desregulados, existem mais setores em laboração contínua e sem descanso ao fim de semana. O país continua a financiar banqueiros, submisso aos interesses das multinacionais e da União Europeia.

O que se passou na Autoeuropa é expressão disso. A fábrica aumentou os seus lucros, através de um aprofundar da exploração e piorando as condições laborais à custa da saúde, do descanso e do bem estar familiar e social dos trabalhadores. A Geringonça esteve do lado da Volkswagen, oferecendo-se inclusive para pagar creches com o dinheiro dos contribuintes, em vez de proibir o trabalho obrigatório ao fim-de-semana e a laboração contínua, num sector em que a justificação para tal são apenas os lucros desmedidos da multinacional alemã.

BE E PCP TÊM RESPONSABILIDADES

BE e PCP apoiaram governo da Geringonça e aprovaram os 4 Orçamentos de Estado de austeridade, que não mudaram a vida dos trabalhadores. Na Autoeuropa tiveram responsabilidades directas na Comissão de Trabalhadores e no sindicato Site-Sul: apoiaram o trabalho ao fim de semana na fábrica e recusaram-se a convocar uma greve democraticamente aprovada pela ampla maioria dos trabalhadores que poderia ter derrotado os planos da empresa. Preferiram sempre os acordos com a administração, sendo incapazes de defender os trabalhadores. Tudo isto

para manterem a estabilidade da situação do país às mãos da Geringonça.

REPRESSÃO CONTRA O DIREITO À GREVE

A Geringonça fez ainda um ataque sem precedentes ao direito à greve. Foi a polícia na greve dos estivadores de Setúbal. Foi o exército para substituir os motoristas de matérias prigosas. Foram os serviços máximos para impedir os impactos da greve. Foram as campanhas mediáticas contra os “trabalhadores privilegiados”. Foi a requisição civil para impedir as greves dos enfermeiros e motoristas. O sindicalismo tradicional, apoiado por BE e PCP, continua a jogar para o empate com as greves de calendário e a negociação, que só têm trazido derrotas; por isso, apesar de se dizerem pelo direito à greve, preferiram ficar com o governo a defender os grevistas.

É PRECISO CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA

Governo após governo continua a servir os patrões e a retirar direitos aos trabalhadores. Por isso, em 27 anos da Volkswagen Autoeuropa, nos anos 90, um trabalhador entrava na fábrica a ganhar cerca de 500 euros e duas décadas e meia depois entramos a ganhar pouco mais. São 27 anos de recuo nos direitos de quem trabalha nesta fábrica, com a responsabilidade dos governos PS e PSD, mas também a nível sindical do BE e PCP. Isto demonstra que esta é uma democracia viciada e ao serviço dos ricos. Dentro do capitalismo as grandes mudanças não vêm por isso das eleições, mas das lutas dos trabalhadores. A atual greve da GM nos EUA hoje, mostra que também do outro lado do Atlântico os trabalhadores têm problemas similares. Por isso, é preciso unificar as lutas contra a exploração e opressão a nível nacional e internacional, que só será possível com um sindicalismo independente dos governos e patrões, democrático e combativo.

Mas não basta lutar pelas reivindicações mais imediatas. É necessária uma nova revolução para mudar estruturalmente e construir uma sociedade sem exploração e opressão. Para tal é preciso construir uma alternativa revolucionária dos trabalhadores. É ao serviço desse projeto que está o Em Luta.

**CONTACTA-NOS: WWW.EMLUTA.NET
INFO@EMLUTA.NET | FACEBOOK.COM/JORNALEMLUTA**